

// “Conseguir levar a bom porto os objetivos que estabeleci”



Aposentado do Serviço Nacional de Saúde desde julho de 2022, o Prof. Fernando Nolasco é um dos nomes mais reconhecidos da Nefrologia em Portugal, tendo, inclusive, presidido a Sociedade Portuguesa de Nefrologia de 2010 a 2015. Em entrevista à *SPN News*, aos 70 anos, o ex-diretor do Serviço de Nefrologia e da Unidade de Transplantação Renal do Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central/Hospital Curry Cabral (CHULC/HCC), que foi a sua segunda casa durante 47 anos, comenta as várias rotas da sua caminhada profissional, considerando que conseguiu concretizar os principais objetivos a que se propôs.

Marta Carreiro

// Como é que a Medicina surgiu na sua vida?

O meu pai era médico oftalmologista, o que pode ter influenciado, de alguma forma, a minha tendência para a Medicina. No entanto, recordo-me de ter, desde muito novo, um imenso gosto pela área das Ciências. No final do quinto ano do liceu, realizei testes psicotécnicos que confirmaram maiores aptidões para as áreas da Medicina e da Matemática. Em 1969, entrei para a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, com mais cerca de 2000 alunos. Terminei o curso em 1975, imediatamente antes do Verão Quente. Passados todos estes anos, continuo a gostar de Medicina, principalmente do contacto com as pessoas, da empatia que se gera, de procurar formas de estabelecer proximidade para melhor ajudar os doentes... Por outro lado, permanece em mim a curiosidade por muitos fenómenos biológicos. Sempre gostei de fazer perguntas e tentar encontrar as respostas.

// Porque terminou o seu ensino pré-graduado nos Hospitais Cívicos de Lisboa e não no Hospital de Santa Maria?

Antes da fundação do Hospital de Santa Maria, o ensino pré-graduado de Medicina era assegurado pelos Hospitais Cívicos de Lisboa. Quando cheguei ao 5.º ano do curso, éramos cerca de 400 alunos, o que levantou a necessidade de alguns terminarem a formação pré-graduada nos Hospitais Cívicos. Eu pedi para ser uma dessas pessoas e por lá fiquei até me aposentar do serviço público. Assisti a todos os processos de separação e agregação destes hospitais, nomeadamente do Hospital Curry Cabral [HCC], desde que era independente até integrar o Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central [CHULC].

// O que levou à sua opção pela Nefrologia?

Escolher Nefrologia acabou por ser, também, relativamente simples, porque é uma especialidade com alguma interferência da Imunologia, da qual sempre gostei muito. Além disso, tive a sorte de trabalhar com várias pessoas que me influenciaram a seguir Nefrologia, como o Prof. Adolfo Coelho, ainda durante o curso de Medicina, e o Dr. Alberto Marques da Costa.

// No início da sua carreira, ainda existia o Serviço Médico à Periferia. Onde cumpriu o seu?

Comecei a trabalhar no Serviço de Nefrologia do HCC em setembro de 1975, ainda como interno policlínico, e aí permaneci cinco meses. Depois, fui realizar o Serviço Médico à Periferia nos Açores, mais concretamente na ilha do Pico, onde encontrei uma realidade muito diferente da que me era familiar. Muitas vezes, os médicos recém-formados eram colocados em zonas onde acabavam por ser os mais diferenciados clinicamente. Portanto, foi um período de grande aprendizagem, em que nos apercebemos das nossas limitações e aprendemos que uma observação clínica rigorosa e a prestação atenta dos necessários cuidados de saúde são fundamentais na ausência de exames auxiliares, que, na altura, eram quase inexistentes na ilha do Pico (por exemplo, só tínhamos acesso a exames laboratoriais uma vez por semana).

// Durante o internato de Nefrologia, realizou algum estágio no estrangeiro?

Sim, em Inglaterra. Quis contactar com conhecimentos e técnicas que, em Portugal, ainda não estavam plenamente desenvolvidos, nomeadamente na área da transplantação. Assim, em 1982, fui para o Guy's Hospital, em Londres, onde pude trabalhar de perto com uma das pessoas mais importantes da área da Nefrologia nessa altura: o Prof. Stewart Cameron. Muito do que a seguir fiz na vida dependeu dessa experiência. Foi em Inglaterra que comecei a minha tese de doutoramento e, conseqüentemente, os trabalhos de investigação que levaram à publicação dos meus primeiros artigos. Além disso, foi importante perceber que nós, portugueses, somos tão bons ou melhores do que os nossos colegas dos vários países europeus. No entanto, as oportunidades de desenvolvimento não acompanham o nível de formação que estamos a dar, o que é transversal a muitas áreas, mesmo para além da Medicina.

// Algum dos trabalhos que publicou é mais especial para si?

Em 1986, publiquei o artigo “Adult-onset minimal change nephrotic syndrome: a long-term follow-up”, na revista *Kidney International*, que ainda hoje é citado,

continuando a fazer parte da bibliografia fundamental de certos temas da Nefrologia, o que é muito agradável para mim. Resultou de um trabalho árduo de análise, recolha de dados, leitura e escrita. Felizmente, ficou algo desse esforço! A investigação acabou por ser uma área sempre presente na minha vida e o caminho que segui neste âmbito foi-me sugerido pelo Prof. Stewart Cameron: estudar determinadas relações das lesões renais e do transplante com aspetos da Imunologia, nomeadamente a utilização de anticorpos para identificar os tipos de células que aparecem nos tecidos do rim.

// Dentro da Nefrologia, acabou por se dedicar mais à vertente da transplantação. Porquê?

Nos últimos 30 anos, esta atividade representou uma mudança de paradigma em toda a Medicina, com uma enorme melhoria na qualidade e na esperança de vida dos doentes transplantados. Hoje em dia, fazemos transplantes de membros, de útero, de rim, de fígado, de pulmão, de coração, de intestino, de pâncreas, de osso, de córnea, de medula óssea, entre outros. Muitos dos avanços nesta área resultam do conhecimento dos fenómenos imunitários e biológicos subjacentes, percebendo como podemos interferir sobre os mesmos. A meu ver, a transplantação é uma área em que a Imunologia entrou decisivamente na prática clínica. A indústria farmacêutica também tem assumido um papel fundamental com o desenvolvimento de terapêuticas que possibilitam a manipulação do sistema imunitário. Uma grande parte do universo da transplantação cresceu graças à utilização da ciclosporina, que permitiu modificar completamente a resposta dos doentes ao enxerto.

// Que principais responsabilidades assumiu no âmbito da transplantação?

Colaborei na implementação da atividade de transplantação no HCC, que se iniciou em 1989, cinco anos após a vinda do Dr. João Rodrigues Pena para este hospital. A partir daí, estive quase sempre ligado à transplantação, de uma forma mais ou menos direta, sobretudo nos últimos três anos de serviço público, em que fui diretor de toda a valência de transplantação no HCC. A Nefrologia tem uma grande vantagem comparativamente às outras especialidades ligadas ao transplante de órgãos: a possibilidade de recorrer à diálise após falência renal. No entanto, o transplante, quando possível, continua a ser a melhor opção de tratamento da doença renal crónica, permitindo-nos dar, a um conjunto significativo de pessoas, uma vida idêntica à anterior ao aparecimento da doença. Na generalidade dos transplantes, a taxa de sucesso ronda os 80%, chegando aos 90% no transplante renal, que pode cifrar-se acima dos 95% quando o rim é de dador vivo.

// Também apostou na carreira académica. Foi difícil conciliar tudo?

A formação pré e pós-graduada sempre foi uma componente relevante para mim. No entanto, a carreira médica tira tempo à família e, quando associamos uma carreira académica ativa, esse tempo fica ainda mais reduzido. Portanto,



tenho de agradecer à minha família por tudo o que consegui concretizar, em especial à minha mulher, que sempre me apoiou. A carreira académica implicou o doutoramento, que terminei em 1987, e a agregação, que fiz em 1991. Depois, participei em todos os concursos para me tornar professor agregado e professor catedrático. Atualmente, sou professor catedrático jubilado da NOVA Medical School.

// E ainda conseguiu tempo para se dedicar ao associativismo, tendo mesmo presidido a Sociedade Portuguesa de Nefrologia (SPN) durante seis anos, de 2010 a 2015. Além da SPN, continua a ser membro da Sociedade Portuguesa de Transplantação, da European Renal Association, da International Society of Nephrology, da American Society of Nephrology e da American Society of Transplantation. Este envolvimento também é importante para si?

O facto de pertencer a estas sociedades científicas dá-me acesso a informação, sem a qual nada fazemos. Quanto aos dois mandatos em que fui presidente da SPN, recordo esse período com muito gosto e carinho. Foi uma fase de desenvolvimento importante, apesar de ter coincidido com a crise financeira, que testou a capacidade das sociedades médicas para concretizarem os objetivos traçados.

// Depois de tantos anos de trabalho no HCC, que memórias ficam?

O que mais me marcou, acima de tudo, foi conseguir levar a bom porto os objetivos que estabeleci quando regressei de Inglaterra, isto é, contribuir para o lançamento do programa de transplantação no HCC e para o desenvolvimento da Nefrologia portuguesa. Também fico feliz por ter contribuído para a formação e a diferenciação de muitos nefrologistas, que manifestam, inclusive publicamente, o seu prazer em trabalhar no Serviço de Nefrologia do HCC. Gostaria de destacar ainda o facto de também ter contribuído para a melhoria das infraestruturas do hospital durante o meu mandato como diretor do HCC, criando as condições para a renovação parcial das instalações, nomeadamente com a criação de um excelente bloco operatório e de uma Unidade de Cuidados Intensivos, bem como o desenvolvimento de elevados níveis de cuidados. Aproveito esta oportunidade para endereçar um agradecimento especial ao Prof. Aníbal Ferreira e à Dr.ª Cristina Jorge, que me sucederam na direção, e a toda a equipa que já compôs e compõe atualmente o Serviço de Nefrologia do HCC.

// Continua envolvido em projetos profissionais?

Apesar de me ter aposentado da função pública, continuo a exercer no sistema de saúde privado. Também tenho estado envolvido, como coordenador, em vários ensaios clínicos que estão a ser desenvolvidos em Portugal. No final do ano passado, cumpri outro objetivo importante – a organização do XVI Congresso Português/XX Congresso Luso-Brasileiro de Transplantação. //

// UMA VIDA NO CHULC/HCC

1975-1977: internato geral

1977-1984: internato de Nefrologia

1984 - 1994: assistente hospitalar eventual e assistente hospitalar de Nefrologia

1994 - 2022: chefe de serviço de Nefrologia/assistente graduado sénior

1997-2001: presidente do Conselho de Administração

2011 - 2012: diretor clínico interino

2010-2022: diretor do Serviço de Nefrologia

2010 -2022: diretor da Unidade de Transplantação Renal

2016 -2022: membro da Comissão de Ética

2018-2022: diretor de toda a área de Medicina do CHULC

2019-2022: diretor de toda a valência de transplantação do HCC

Fernando Nolasco acompanhado pela equipa que constituía o Serviço de Nefrologia do Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central/Hospital Curry Cabral (CHULC/HCC) em fevereiro de 2017.



Destaques da entrevista em vídeo com o Prof. Fernando Nolasco